**Felipe Viero Kolinski
Machado**

Professor Adjunto A (nível 1) do Departamento de Jornalismo (DEJOR) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) Integra os grupos de Pesquisa Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência (UFMG), Convergência e Jornalismo (ConJor) (UFOP) e o Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC - UNISINOS). E-mail: felipeviero@gmail.com.

Christian Gonzatti

Doutorando e mestre em Ciências da Comunicação, com ênfase em Processos Midiáticos, na linha de pesquisa de Linguagens e Práticas Jornalísticas pela Unisinos, com bolsa da CAPES. E-mail: christiangonzatti@gmail.com.

**Harry Potter e aquele-que-
-não-deve-ser-votado:
Imaginação cívica, Ativismo
de fãs e Fascismo Eterno em
redes digitais do jornalismo
de cultura pop**

**Harry Potter and he-who-
cannot-be-voted: Civic
Imagination, Fan Activism
and Eternal Fascism in Digital
Networks of Pop
Culture Journalism**

**Harry Potter e el-que-no-
-debe-ser-votado:
Imaginación cívica, Activismo
de fans y Fascismo Eterno
en redes digitales del perio-
dismo de cultura pop**

RESUMO

Discutimos no artigo a articulação entre política e cultura pop por meio de um editorial, e dos sentidos acionados por ele em um contexto de redes digitais. Publicado pelo fansite *Potterish*, o editorial *Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado*, que traça paralelos entre a candidatura de Jair Bolsonaro e o personagem Lord Voldemort, posiciona os fãs de Harry Potter contra o político, mobilizando-os discursivamente a participarem das manifestações que ocorreram contra o, na época, candidato. Percebemos, utilizando a análise de construção de sentidos em redes digitais, que a ação aciona, dentro de um contexto específico do que é entendido como jornalismo de cultura pop, disputas que remetem à imaginação cívica, ao ativismo de fãs e ao fascismo eterno que se corporifica na cultura digital. Palavras-chave: Jornalismo de cultura pop. Ativismo de fãs. Redes digitais. Fascismo eterno. Política.

ABSTRACT

We discuss in the article the articulation between politics and pop culture through an editorial, and of the senses triggered by it in a context of digital networks. Published by fansite *Potterish*: *He-Who-Cannot-Be-Voted*, drawing parallels between the candidacy of Jair Bolsonaro and the character Lord Voldemort, positions Harry Potter fans against the politician, mobilizing them discursively to participate in demonstrations that took place against the then-candidate. We perceive, using the analysis of sense-building in digital networks, that action triggers, within a specific context of what is understood as pop culture journalism, disputes that refer to the civic imagination, to fan activism and to eternal fascism that is embodied in digital culture.

Keywords: Pop culture journalism. Fan activism. Digital network. Eternal fascism Politics.

RESUMEN

Discutimos en el artículo la articulación entre política y cultura pop a través de un editorial, y de los sentidos accionados por él en un contexto de redes digitales. Publicado por el fansite *Potterish*: *El-Que-No-Debe-Ser-Votado*, trazando paralelos entre la candidatura de Jair Bolsonaro y el personaje Lord Voldemort, posiciona a los fans de Harry Potter contra el político, movilizándolos discursivamente a participar en las manifestaciones que ocurrieron contra el entonces candidato. Se percibe, utilizando el análisis de construcción de sentidos en redes digitales, que la acción acciona, dentro de un contexto específico de lo que se entiende como periodismo de cultura pop, disputas que remiten a la imaginación cívica, al activismo de fans y al fascismo eterno que se corporifica en la cultura digital.

Palabras clave: Periodismo de cultura pop. Activismo de fans. Redes digitales. Fascismo eterno. Política.

Submissão: 28-1-2019

Decisão editorial: 24-5-2019

Introdução

A série *Harry Potter* consiste em uma narrativa de sete romances, escritos pela britânica Joanne Rowling, entre os anos de 1997 e 2007, e, ainda, aos filmes, jogos para diferentes consoles, parques temáticos, *site* oficial (*Pottermore*) e materiais produzidos por fãs. A trama inicial gira em torno de Harry Potter, menino que, aos 11 anos, descobre que é um bruxo, que tem direito a uma vaga na prestigiada (mas, para ele, até então desconhecida) Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e que seus pais, já falecidos, foram assassinados por Lord Voldemort (temido bruxo das trevas). Ao longo dos sete livros, que narram, cada um, cada ano de sua vida/formação, Harry descobre mais sobre o universo bruxo, cria laços de afeto e de amizade (em especial com dois colegas, Ronald Weasley e Hermione Granger) e enfrenta, recorrentemente e de diversas maneiras, Voldemort que, então, tentava retomar o poder sobre a comunidade bruxa¹. A série foi

¹ Mais informações acerca da trama podem ser obtidas em: <https://www.pottermore.com/explore-the-story>. Acesso em: 01/2019.

traduzida para mais de 70 idiomas, tendo mais de 400 milhões de exemplares vendidos ao redor do mundo e apenas os filmes da saga geraram um lucro superior a sete bilhões de dólares (HARRY, 2017).

As produções transmidiáticas (JENKINS, 2006) do que vem sendo chamado de *O Mundo Bruxo* de J.K Rowling mobilizam discussões que descortinam as barreiras entre o ficcional e o real. As desigualdades e o não reconhecimento das diferenças, a articulação entre o poder e o totalitarismo, a educação e os saberes como ferramentas agonísticas contra o ódio e a intolerância são algumas das questões que podem ser localizadas criticamente em aspectos narrativos dessa produção da cultura *pop*. Em Wortmann (2010), a representação da escola nas histórias de Harry Potter é percebida como acionadora de pedagogias culturais, capaz de demonstrar a importância do espaço educacional para o desenvolvimento de saberes. Romero (2009) analisa, em uma tese extensa, a possibilidade de instrumentalização das narrativas do mundo bruxo para o ensino de direitos humanos. Debate, em consequência da proposta, a distopia presente em tais ficções e as ações que são tomadas a partir do conhecimento, da resistência e da ação política para reverter o cenário distópico. Nesse sentido, uma pesquisa europeia, da área da psicologia – que inclusive ganhou notoriedade em portais jornalísticos no Brasil, tais como *Potterish* – aponta que crianças e jovens podem melhorar as suas atitudes com grupos estigmatizados (gays, imigrantes e refugiados, por exemplo) ao lerem as histórias de Harry Potter. As pesquisadoras e pesquisadores do estudo conduziram três estudos para testar como a leitura e a identificação com aspectos políticos da história são

aspectos propulsores de uma percepção mais empática das diferenças (VEZZALI, STATHI, GIOVANNINI, CAPOZZA, TRIFILETTI, 2015). No contexto brasileiro, as eleições presidenciais de 2018 foram, da mesma maneira, marcadas por comparações com aspectos da narrativa de Harry Potter. Dentre elas, ganhou protagonismo a discussão de algumas estratégias adotadas por Lord Voldemort que podiam apontar caminhos para diminuir a força do candidato Jair Bolsonaro no cenário dos *sites* de redes sociais. Na ficção, o bruxo das trevas utilizava um feitiço de rastreamento em seu nome, de modo que toda pessoa que se referisse a ele como Voldemort (nome que ele mesmo criou para si, um anagrama para Tom Marvolo Riddle, seu verdadeiro nome), seria localizada. Em decorrência, a comunidade bruxa passou a chamá-lo por outros termos, tais como Você-Sabe-Quem e Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Viu-se simetria nesse movimento com a lógica algorítmica e de visibilidade de *sites* de redes sociais (PARISIER, 2012), capaz de aumentar o engajamento com termos recorrentemente utilizados. Bolsonaro passou, então, a ser chamado de muitas coisas: #EleNão, Salnorabo (também um anagrama), Bozo e Bolsonazi são alguns exemplos. Mobilizados por essas relações, muitos fãs passaram a exercer uma contraposição ao discurso de ódio contra mulheres, negros e LGBTQs do candidato usando a narrativa ficcional como instrumento para a ação política. É esse contexto que nos interessa aqui.

Tomamos como objeto para a construção teórico-metodológico da pesquisa o universo de Harry Potter e, mais especificamente, um editorial se posicionando contra a eleição de Bolsonaro do *Potterish*. O *fansite*, premiado pela autora J.K Rowling, apre-

senta-se² como o maior portal dedicado à série da América Latina (em um único dia, por exemplo, teve mais de um milhão de visualizações), constituindo-se em um mobilizador de pautas em grandes portais jornalísticos no Brasil e no exterior (tais como *Folha de São Paulo*, *The New York Times* e *The Guardian*). *Potterish*, em nossa percepção, traz marcas e elementos que dizem de uma processualidade jornalística, correspondendo ao conceito de jornalismo de cultura pop (AUTOR, 2017). Em se tratando de redes sociais, os números alcançados por *Potterish* são importantes de serem destacados. No Facebook, a página possui mais de 370 mil seguidores, no Twitter mais de 210 mil, no Instagram mais de 75 mil e o canal no YouTube possui mais de 23 mil inscritos³, dando a ver altos níveis de engajamento e de visibilidade.

Em face desse contexto, neste artigo, como questão norteadora, desenha-se a seguinte pergunta: tendo em vista o editorial publicado por *Potterish*, em outubro de 2018, intitulado *Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado*, e, a partir das disputas de sentidos em redes digitais então mobilizadas, o que se revela, aí, sobre as articulações entre política e a série Harry Potter no contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil?

Como metodologia, inspiramo-nos na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014). Henn (2014) sugere três etapas, as quais permitiriam entender os processos semióticos que se desdobram em *sites* de redes sociais/redes digitais: o mapeamento (um primeiro movimento, de caráter exploratório/cartográfico), o agrupamento de cons-

² Fonte: <https://potterish.com/sobre-o-potterish/>. Acesso em: 01/2019.

³ Informações coletadas em: 01/2019.

telações de sentido (um segundo movimento, o qual visa a reunir os sentidos percebidos tendo em vista uma homogeneidade) e a elaboração de inferências sobre os signos mais representativos de cada agrupamento (um terceiro movimento que, a partir das constelações percebidas, aciona referências teóricas e políticas cabíveis para compreendê-las). Ao longo desses movimentos, e tendo em vista o exercício de análise aqui desenvolvido, perceberam-se características do ativismo de fãs (AMARAL, SOUZA, MONTEIRO, 2015; BROUGH, SHRESTHOVA, 2012), da imaginação cívica (JENKINS, 2016; JENKINS, SHRESTHROVA, 2016) e do fascismo eterno (ECO, 2018), referenciais esses que serão abordados nas próximas seções deste texto.

Ativismo de fãs e imaginação cívica

O ativismo de fãs pode ser compreendido por meio de ações desenvolvidas por *fandoms* – grupos de fãs – com características contraditórias e complexas. De acordo com Adriana Amaral, Rosana Souza e Camila Monteiro (2015), o ativismo de fãs diz de relações entre indústrias do entretenimento, participação política, cultura *pop* e mobilização social. Algumas das práticas que trazem aspectos ativistas engendrados à criatividade citadas pelas autoras são as *fanzines* (“revistas” feitas por fãs), as *fanfics* (histórias não-canônicas dentro de um universo ficcional escritas por fãs) e as *mobilizações* (quando fãs vão para as ruas ou se organizam em rede para protestar contra/a favor de algo).

O poder de imaginar, a partir de narrativas específicas, situações melhores para instituições e problemas sociais, políticos e econômicos atravessa muito desses processos. Henry Jenkins (2016) chama, assim,

de imaginação cívica um conjunto de práticas que podem inspirar os participantes de um grupo a lutarem por mudanças sociais por meio do uso, por exemplo, de elementos da cultura *pop*. Jenkins (2016), então, aponta que novos sistemas híbridos de circulação midiática podem dar voz às pessoas/comunidades sem acesso às formas midiáticas tradicionais de comunicação. Jovens ativistas têm utilizado, dessa maneira, canais de mídia disponíveis e acessíveis para o compartilhamento de suas mensagens – uma mobilização transmidiática. Nessa relação, a cultura participativa pode ser transformada em política participativa. A participação em determinadas redes pode, na visão do autor, mobilizar uma educação cívica informal, um processo de aprendizagem conectada (JENKINS, 2016).

A *Harry Potter Alliance*⁴, uma organização sem fins lucrativos, colaborativa e administrada por principalmente por fãs de Harry Potter, fundada por Andrew Slack em 2005 para chamar a atenção para as violações dos direitos humanos, é um dos exemplos da possibilidade dos aprendizados que emergem da cultura *pop*. Por meio da leitura política das histórias, a rede que integra a organização engaja-se em ações para melhorar a equidade de gênero, raça e sexualidade, a mudança climática e o acesso à educação e à bibliotecas públicas. Kligler-Vilenchik (2016) aprofunda essa discussão por meio de entrevistas com esse e outros grupos, como o *Nerdfighters*, demonstrando como a cultura *pop* e as/os fãs podem entusiasmar e inspirar o engajamento cívico, tornando o mundo um lugar melhor.

⁴ Fonte: https://www.thehpalliance.org/what_we_do. Acesso: 01/2019.

No escopo dessas reflexões, Melissa Brough e Sangita Shresthova (2012) ressaltam elementos que aproximam o ativismo de fãs e a imaginação cívica, tais como as intersecções entre participação política e cultural, a relação entre participação e resistência, o papel dos afetos e dos conteúdos na mobilização da participação cívica e as avaliações de impacto das mobilizações de fãs. A discussão de um *fandom* sobre as questões político-sociais implicadas em uma narrativa, a produção de *fanfics* que trocam os gêneros de personagens e os protestos que utilizam cartazes com personagens/frases/situações da cultura *pop* são alguns dos exemplos dessa articulação.

Ao aprofundarem o conceito de imaginação cívica, Jenkins e Shresthova (2016) refletem sobre como grupos de fãs utilizam o poder da cultura *pop* como uma linguagem alternativa e compartilhada por meio da qual se pode, também, falar sobre política. Postula-se, aí, que a elaboração de referências a universos narrativos compartilhados por fãs, constituem anexos afetivos, oferecendo, a partir da fantasia, sentidos mais amplos acerca da luta pela justiça social. Haveria, então, nesse contexto, dois modelos diferentes de mobilização de apoio público a uma causa política: o civismo de fãs (*fannish civics*) e a acupuntura cultural (*cultural acupuncture*). A diferença entre os dois está relacionada à profundidade do conhecimento sobre o conteúdo utilizado. O civismo de fãs vale-se de referências e de discussões mais comuns entre fãs, enquanto a acupuntura cultural procura ganhar maior visibilidade utilizando mensagens mais amplas.

Jornalismo de cultura pop e disputas de sentidos em redes digitais

O jornalismo de cultura *pop* pode ser entendido como uma modalidade jornalística que, ao mesmo tempo em que se distancia das matrizes históricas do jornalismo cultural, reflete, reconfigura e atualiza práticas jornalísticas que se inserem em um novo contexto, voltando sua atenção aos múltiplos campos da cultura *pop* (GONZATTI, 2017). Defende-se, aqui, que tal modalidade jornalística emerge em um cenário de crise sistêmica do jornalismo (HENN, OLIVEIRA, 2015), no qual os acontecimentos passam a se desprender de instituições e veículos consagrados, passando a ganhar novas tessituras em razão das potencialidades interativas/participativas/narrativas da cultura digital.

O *pop*, a partir dos apontamentos de Simone Pereira de Sá (2016), é concebido como um lugar de expressão de afetos, de paixões, de excessos, de discussão de valores e de gostos em uma dimensão estética e de criação de laços identitários. Tais traços, então, podem ser percebidos nas categorias e nos vínculos de produção do jornalismo de cultura *pop* no Brasil: uma macrocategoria, mais geral, voltada à cobertura da cultura *pop* como um todo, e veículos voltados à coberturas/universos específicos, tais como *musica pop*, produções audiovisuais e celebridades (GONZATTI, 2017). No que se refere aos vínculos de produção, estão inseridos aí veículos que publicam notícias, críticas e outros formatos informativos sobre produções mediáticas do *pop* através do exercício de fãs, de jornalistas e de ativistas (bem como das intersecções desses grupos).

Os *fansites*, de modo análogo, podem ser compreendidos como uma atualização dos *fanzines*. Ao

recuperarem Pohl (1974), Amaral, Souza e Monteiro (2015) destacam que a criação das *fanzines* estaria diretamente relacionada à percepção, por parte dos fãs, de que existiram lacunas de informação não preenchidas pelo material produzido pelos grandes conglomerados midiáticos. Assim, uma vez que ao investigarem documentos ficcionais específicos e ao produzirem, de modo continuado, notícias que estejam relacionadas a esses universos, os fãs constituem veículos singulares e estabelecem níveis de produção informativa/jornalística próprios (GONZATTI, 2017). Tais veículos, que cobrem noticiosamente a cultura *pop*, estabelecem redes digitais diversas, a partir das quais se torna possível observar conversações e disputas de sentidos (HENN, 2014) que são particulares. Cabe pontuar, então, que ao se falar em redes digitais do jornalismo de cultura *pop*, está se fazendo referência à veiculação de notícias por meio de espaços distintos como o *site*, a página no *Facebook* e o perfil do *Twitter*, os quais revelam aspectos do jornalismo ali engendrado (HENN, 2014, GONZATTI, 2017). E é nesse contexto que se inscreve o *Potterish* e a investigação que se expõe neste artigo.

Do fascismo ao fascismo eterno

Eric Hobsbawm (1995), ao falar em fascismos, lembra que, ainda que seja difícil buscar pontos idênticos nos movimentos políticos fascistas que tomaram a Europa com maior fôlego a partir da década de 1930, do século XX, alguns traços marcantes se fazem presentes. Movimento que não tinha na teoria um ponto forte, o fascismo é assinalado pela superioridade do instinto e da vontade, pelo nacionalismo, pelo anticomunismo, pela mobilização das massas e pela

defesa de valores “tradicionais”, opondo-se, pois, à emancipação liberal, desconfiando da influência da cultura moderna e assumindo, para si, um lugar de complementação, a partir de um princípio de liderança, de uma lógica conservadora (HOBSBAWM, 1995).

Umberto Eco (2018), ao mencionar o fascismo, lembra que, apesar de regimes políticos poderem ser derrubados e ideologias poderem ser destituídas de sua legitimidade, existem modos de pensar e de sentir, hábitos culturais e uma nebulosa de instintos obscuros que perduram. Na obra, resultado de uma conferência realizada nos Estados Unidos, em 1995, Eco (2018) perguntava se haveria, de fato, fantasmas rondando a Europa e outras partes do mundo. Ao conceituar o fascismo, o autor o define como um regime ditatorial que subordinaria atos individuais ao Estado, o qual seria marcado pela debilidade filosófica de sua ideologia e que, ao invés de possuir uma “essência”, seria mais uma colagem de ideias (não raras vezes contraditórias), correspondendo a um totalitarismo *fuzzy* fortemente calcado a alguns arquétipos (ECO, 2018).

Na esteira dessas reflexões, Eco (2018) propõe o termo fascismo eterno (ou Ur-Fascismo) fazendo referência, aí, a uma série de características que integrariam uma nebulosa fascista que, segundo o autor, estaria sempre ao nosso redor. O culto à tradição (e uma recusa à modernidade), o irracionalismo (e tentativas de limitar a constituição de uma raciocínio complexo e crítico), a percepção do desacordo/oposição como sendo uma traição, uma aversão às diferenças (raciais, étnicas, sexuais), uma apropriação discursiva do descontentamento das classes médias frustradas, uma valorização extrema da nação, a exaltação da figura de um líder (alguém que atua

como um intérprete da massa, então tida como monolítica) e o fomento a um combate constante contra os adversários seriam algumas delas. Finalmente, na forma de apelo, Eco (2018) diz da premência de se perceber que o Ur-Fascismo tende a se manifestar sob as vestes mais inocentes, em trajes civis (e por que não dizer democráticos?) e que desmascará-lo consiste em uma empresa fundamental.

Quem leu Harry Potter não vota em Bolsonaro?

Em 02 de outubro de 2018, tendo em vista a onda de manifestações que tomou o país em oposição à eleição de Jair Bolsonaro⁵ (a qual, então, já se mostrava possível, tendo em vista as pesquisas eleitorais divulgadas), o *fansite* *Potterish* publicou um editorial denominado *Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado*⁶. O título, então, fazia alusão a Lord Voldemort. O texto, de caráter crítico/opinativo, estabelecia uma comparação entre o vilão e o então candidato à presidência da república. A imagem veiculada junto ao texto (figura 01), reforçava a comparação. No Facebook, compartilhado sob a chamada “Aos fãs apolíticos sentimos informar, Harry Potter é pura política”, o texto teve forte engajamento por parte dos seguidores/usuários. Foram 5,9 mil reações, 2,1 mil compartilhamentos e 628 comentários⁷.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/29/manifestantes-vao-as-ruas-em-26-estados-e-no-df-contra-o-candidato-jair-bolsonaro.ghtml> Acesso em 01/2019.

⁶ Disponível em: <https://potterish.com/2018/10/aquele-que-nao-deve-ser-votado/> Acesso em 01/2019.

⁷ Os dados referem-se à coleta realizada no dia 23 de janeiro de 2019.

Figura 1 – Imagem ilustrativa do editorial

Fonte: *Potterish*

Em linhas gerais, o editorial, cuja assinatura trazia “Equipe *Potterish*”, contextualizava as manifestações ocorridas tendo em vista a necessidade de se combater os discursos de ódio, e afirmava que ali, seguramente, haveria fãs da saga Harry Potter uma vez que considerava que a luta contra o fascismo e a favor da liberdade e da democracia seriam questões caras aos que acompanharam as aventuras do jovem bruxo. A imagem de um cartaz dos protestos contra Bolsonaro, no qual se lia “Quando Voldemort é candidato à presidência, nós precisamos de uma nação de *Hermiones! #EleNão*”, igualmente costurava o texto. Ao acionar diversos momentos da trama, tais como a reorganização da *Ordem da Fênix* (agrupamento de caráter político que fazia resistência a Voldemort e seus seguidores, chamados de *Comensais da Morte*), a fundação da *Armada de Dumbledore* (coletivo que, no contexto de uma *Hogwarts* controlada pelo governo bruxo, reunia-se a fim de aprender como se defender em caso de uma luta contra o Lorde das Trevas) e a constituição do *Fundo de Apoio à*

Libertação dos Elfos Domésticos (organização que objetivava acabar com um regime que escravizava os *Elfos Domésticos*, criaturas mágicas presentes na obra), o editorial lembrava que a democracia, em sendo frágil, tanto em um cenário bruxo, quanto em um cenário *trouxa* (expressão usada para se referir aquilo e aqueles que não fazem parte do mundo mágico), precisa ser constantemente defendida. Finalmente, à guisa de conclusão, afirmava-se: “Não vivemos o horror, em *Harry Potter* e em nossas próprias peles, para permitir que o mal triunfe sem que nada façamos. As varinhas se erguem no luto e na luta. Não é o momento de baixá-las. Ele, não! Ele, nunca!” (AQUELE, 2018).

Tendo em vista as reações e os comentários suscitados pelo texto, na página oficial de *Potterish* no Facebook, bem como a questão norteadora da pesquisa aqui desenvolvida, perceberam-se cinco constelações de sentidos, a saber: *#EleNão*, *#EleSim*, *O verdadeiro Voldemort é o PT*, *Não acreditem no Profeta Diário* e *O pop não é político*.

Antes de abordar cada uma delas, entretanto, cabe lembrar que tais constelações não são excluídas e, em muitos casos, estabelecem relações próximas entre si (um mesmo comentário, por exemplo, pode ser incluído em mais de uma constelação). Apesar disso, contudo, considera-se que cada uma delas possui singularidades e engloba, predominantemente, sentidos que são particulares (HENN, 2014). Ademais, é relevante ressaltar, como índices primeiros, o caráter das reações perpetradas pelos usuários/fãs. De um total de 5,9 mil reações contabilizadas, 5,4 mil ou foram dadas na forma de curtida (sinal de positivo) ou na forma de amei (emoticon de coração), dando

a ver, desde já, um alto índice de concordância com as perspectivas trazidas no editorial.

#EleNão, constelação que se mostrou hegemônica, mobilizava sentidos que, em consonância com o editorial de *Potterish*, ressaltavam o absurdo que seria, tendo em vista as discussões travadas ao longo de *Harry Potter*, um leitor/fã considerar razoável votar em Jair Bolsonaro (percebido então não apenas como um candidato de extrema-direita, mas como promotor de um discurso fascista). Alguns comentários, então, são ilustrativos.

Só falaram verdades! Os fãs de Harry Potter, aqueles que leram os livros e REALMENTE entenderam a mensagem principal, jamais irão compactuar com esse candidato, que acha que sangue ruins devem “levar um couro” e que tudo se resolve no Avada Kedavra. Leiam, se informem, pesquisem e votem com consciência pra honrar toda a lição de empatia dessa série! (COMENTÁRIO 1)⁸.

Matéria interessantíssima, sou graduanda de Licenciatura em História e meu TCC aborda justamente isso, o discurso Nazifascista dentro de HP e as Relíquias da Morte. Justamente pelo tema ser tão visível dentro da saga, parabéns! (COMENTÁRIO 2).

Harry Potter sempre foi uma história sobre política e resistência. Fico feliz em ter aprendido tão cedo sobre isso graças a essa história e hoje poder dizer sem medo que sei bem diferenciar o bem e o mal. #EleNão (COMENTÁRIO 3).

Me faltam palavras sobre esse texto. O máximo que posso dizer, é que fico muito, mas muito feliz em ver a coerência do *Potterish*. J K Rowling e sua obra, Harry Potter, são enfaticamente contrárias ao fascismo (do mundo real) e contra todas as formas de preconceito e opressão. Me emocionei muito com esse posiciona-

⁸ Optou-se por esse formato de citação dos comentários a fim de que as identidades dos usuários fossem preservadas.

mento, de verdade. Parabéns Potterish (COMENTÁRIO 4).

Eu sempre disse isso. Harry Potter sempre foi político. Sempre. Quem leu e não entendeu isso, eu honestamente acho que é por negação, por querer manter seus privilégios de forma tao árdua que até essa leitura, tao óbvia, pode ser apagada. Os sangue ruins sempre foram metáforas pra minorias. LGBTs, mulheres, negros são os sangue ruins da vida real. Voldemort representa o fascismo, o próprio Grindewald lutou a batalha final na mesma época do último ano da segunda guerra, inspiração óbvia no nazismo. Lobisomens representam o HIV, o preconceito. Dementadores a depressão. A primeira vez que eu abri esse livro eu tinha dez anos e achei que ia me deparar com castelos. O que eu não sabia que ele iria nortear toda minha vida adulta. O certo e o errado que eu aprendi lá e carrego comigo. Então como Dumbledore eu digo 'Chega um momento da vida que você tem escolher entre o que é fácil e o que é certo'. É esse momento. Ergam suas varinhas, tempos sombrios se anunciam e temos que ir pra luta (COMENTÁRIO 5).

O comentário 1 defende que aqueles que, de fato, compreenderam a história, não votariam em Bolsonaro. No escopo de suas reflexões, o usuário afirma que Bolsonaro acredita que *sangues-ruins* deveriam "levar um couro" e que, na percepção dele, tudo se resolveria a partir do *Avada Kedavra*. Em *Harry Potter*, os *sangue-ruins* são os bruxos mestiços, ou seja, filhos de um bruxo (ou bruxa) com uma trouxa (ou um trouxa). No enredo, para determinados bruxos, tais pessoas pertenceriam a uma casta inferior. No comentário, realiza-se uma aproximação entre essa minoria política e outra, agora do mundo real. Em vídeo com muitos compartilhamentos em *sites* de redes

sociais⁹, Bolsonaro afirma que se um pai percebe que o filho é homossexual, deveria corrigi-lo mediante “um couro”, ou seja, espancando-o. *Avada Kedavra*, por sua vez, refere-se a uma maldição que, tão logo lançada, assassina o adversário. Aqui, portanto, faz-se alusão ao discurso violento promovido pelo então candidato. O comentário 2, por sua vez, realizado por uma usuária que pesquisa a questão, em um cenário acadêmico, coaduna com as percepções de *Potterish*, apontando o discurso nazifascista que se faz perceptível, em relação aos inimigos de Potter, na trama. No comentário 3, então, a fã lembra que *Harry Potter* sempre teria abordado questões políticas e que isso teria contribuído para que ela, hoje, distinguindo o bem e o mal, não votasse em Bolsonaro. O comentário 4 parabeniza *Potterish* pelo posicionamento assumido, alegando coerência com a obra que pauta a página e, ainda, com as posturas da autora da saga (J.K. Rowling). O comentário 5, mais longo, enumera diversos pontos da saga a fim de demonstrar como há uma relação entre aquele mundo fantástico e o mundo real e, ainda, como, inspirando-se na própria obra, percebe-se que, em dado instante, há que se escolher entre o que seria fácil (acomodar-se, dar-se por vencido em relação à vitória de Bolsonaro nas urnas) e o que seria mais difícil, porém correto (nesse caso, assumir uma posição de luta e de resistência).

A segunda constelação de sentido mapeada, *#EleSim*, mostrou-se opositiva à anterior, uma vez que, discordando veementemente do texto publicado por *Potterish*, abarcou comentários de usuários que, na condição de leitores/fãs, defendiam a eleição de

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJNy08VoLZs>
Acesso em 01/2019.

Bolsonaro à presidência. Alguns comentários, aí, são exemplos.

Uma análise rápida: Lord Voldemort: * invadiu a casa dos Potter (Boulos); * Roubou e infiltrou pessoas em Hogwarts (Lula); * "Agredia" e passava por cima de quem fosse contra ele (Ciro); * Seus seguidores ou estavam presos ou foragidos (Lula); * Tentava de tudo para retomar o poder. Querendo passar por cima de tudo e todos (Lula); * Seus seguidores o tratavam como Deus (Lula). Severo Snape: * Feio, carrancudo, fala grosso, ninguém gostava dele. Após ser morto, descobrimos que sempre foi bom. E se não foi O mais importante, foi um dos mais importantes na luta contra Voldemort. [(Bolsonaro) com a única diferença: ele sobreviveu a tentativa de assassinato do 'Voldemort']. Essa análise é bem mais fiel e correta! Abraço! #b17 (COMENTÁRIO 6).

Que decepção. Me dói ver essas coisas. Harry Potter é minha saga preferida, e essa página tem uma importância grande pra mim, e saber que ela deseja o mal do País... é de doer o coração (COMENTÁRIO 7). Acho que a única coisa que se assemelha a Harry Potter é um momento do quinto livro, em que Harry está falando para todos que Voldemort voltou e ninguém quis dar ouvido. Ele lutou sozinho com poucos que confiaram nele. Política tem que ter pautas sociais, elas são importante sim, mas hoje estamos enfrentando um problema bem maior que muitos não enxergam. A esquerda brasileira tá adorando isso tudo e nós nos enforcado e apontando dedos porque o plano deles é se perpetuar no poder. Uma ditadura pode sim acontecer e garanto que não é militar e sim comunista. Abram o olho o mal vem sempre fantasiado de bem. A esquerda vai se unir até ao Haddad se precisar para tirar algo que ele ditam como mal. Amo a saga, ela que me ensinou a ler. Então vamos nos informar mais. Meu apelo é para que todos possam ver Brasil Paralelo e entender o que se passa no Brasil. O autoritário aqui

não está sendo o Bolsonaro. Ele não é perfeito mas é o único que temos para virar o jogo (COMENTÁRIO 8) Cada um intérprete como quiser. Mas o mal já está espalhado por todo lado. Continuar votando em quem governou o país nos últimos anos é perpetuar o mal. Quero um novo rumo. Descurtindo a página (COMENTÁRIO 9).

No comentário 6, o usuário aciona diferentes passagens da saga, estabelecendo comparações entre personagens do enredo e figuras da cena política nacional. Realiza-se, aí, um movimento interpretativo “semelhante” ao de *Potterish*, mas com um viés que lhe é opositivo e que visa a defender Bolsonaro. Na percepção do fã, portanto, Lula seria mais próximo de Voldemort, uma vez que seria “tratado como deus por seus seguidores” e teria, assim como o bruxo das trevas, passado por cima de tudo e de todos para conquistar o poder. Severo Snape, por outro lado, percebido ao longo da trama como vilão e que, apenas ao final, revela-se um herói, seria mais próximo, sob esse prisma, de Bolsonaro. No comentário 7, por sua vez, o usuário lamenta que, em razão de se opor à Bolsonaro, *Potterish* estaria (necessariamente) desejando o mal do Brasil. A fã que escreve o comentário 8, então, igualmente, mobiliza elementos da série para afirmar que a única comparação possível seria entre Bolsonaro e Harry Potter, quando esse, sozinho, tenta alertar para a presença e para a intenção de Voldemort recuperar o poder (apreende-se, então, que nessa comparação, Voldemort seria Lula). Fala-se, ainda, dos riscos de uma ditadura comunista e, também, sobre a perspectiva de que apenas Bolsonaro poderia “virar o jogo”, salvando o país. No comentário 9, finalmente, a usuária afirma que o mal, na verdade,

estaria circunscrito aqueles que governaram o país nos últimos anos (Partido dos Trabalhadores, Lula e Dilma) e que, em razão de sua discordância com a página, deixaria de segui-la.

O verdadeiro Voldemort é o PT, terceira constelação percebida, incluiu comentários que, também em oposição ao texto de *Potterish*, e, também, valendo-se de comparações entre saga/política nacional, apontaram o Partido dos Trabalhadores (incluindo aí Lula, Dilma e Haddad) como os verdadeiros vilões. Muito comentários aqui presentes, portanto, também atravessam/constituem a constelação anteriormente descrita (*#EleSim*).

'O mito que sobreviveu'. PT = Partido das Trevas. Bolsonaro17! *#EleSim* Não venha misturar minha franquia favorita com política (COMENTÁRIO 10).

Legal o ponto de vista de vocês. Mas acho que realmente o cara mal já está em AZKABAN. E por incrível que pareça ele também perdeu um dedo (COMENTÁRIO 11).

Aproveita e coloca o Lula como o Rabicho, a Dilma como a Umbridge, o Haddad como Pio Ticknesse, a Marina como a Winky e a Manuela como vela do grande salão (COMENTÁRIO 12).

No comentário 10, o usuário aproxima Bolsonaro (que havia sofrido um atentado durante sua campanha eleitoral¹⁰) de Harry Potter (que quase foi assassinado por Voldemort, ainda criança, passando a ser reconhecido como "o menino que sobreviveu"), diz que PT, na verdade, seria Partido das Trevas (aproximando-o, assim, de Voldemort) e que, por mais con-

¹⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-leva-facada-em-atentado-durante-campanha-em-juiz-de-fora/>
Acesso em 01/2019.

tradicatório que soe, a franquia não deveria ser misturada com política. No comentário 11, o usuário diz que, em sua percepção, o vilão da história estaria em *Azkaban*, prisão para bruxos, fazendo uma explícita alusão à Lula, também em cárcere. Compara-o, ainda, a outro vilão da saga (Pedro Pettigrew) que, assim como Lula, também não possui um dedo. No comentário 12, da mesma maneira, o usuário aproxima Lula de Rabicho (Pedro Pettigrew), Dilma de Dolores Umbridge (funcionária maligna do Ministério da Magia e, durante um período da trama, Alta Inquisidora e Diretora de *Hogwarts*), Haddad de Pio Ticknesse (Ministro da Magia que, na verdade, era controlado por Voldemort), Marina Silva de Winky (em uma comparação inclusive racista, tendo em vista que Winky era uma Elfa Doméstica (escrava) e Marina é negra) e Manuela de uma vela, ou seja, de um objeto inanimado e, depreende-se, sem vontade própria.

Não acreditem no Profeta Diário, quarta constelação de sentido, engloba comentários que desacreditam *Potterish*, uma vez que o portal, então, é considerado tendencioso, manipulador e alinhado ideologicamente à esquerda e ao Partido dos Trabalhadores. O nome da constelação, cabe pontuar, inspira-se na própria saga. Em *Harry Potter*, *Profeta Diário* é o principal jornal do mundo bruxo (ao menos na Inglaterra) e, mediante advento de Voldemort, que já então controlava o Ministério da Magia, passa a trazer informações falsas e a atacar Harry Potter e Dumbledore (diretor de *Hogwarts* e também inimigo de Voldemort). Alguns comentários coletados servem de exemplo.

Ridículo. Adorava a página. Que agora só se mostrou mais uma manipulada pela própria mídia. Bolsonaro

não prega o ódio e a intolerância, se prega algum tipo de 'ódio' é por bandido, que invade sua casa, estupra e mata seus familiares. Vamos pesquisar galera, em fontes confiáveis. Que triste! #Bolsonaro17 (COMENTÁRIO 13)

Agora o Bolsonaro é o Lord [Voldemort]. Tá de sacanagem, começou a esquerda a chegar aqui também (COMENTÁRIO 14)

A frase 'são tempos sombrios' se encaixa no atual governo que só trouxe vergonha para o país e desemprego. Lamentável que esta página também tenha aderido ao 'ele não' só pra ganhar likes de esquerdistas (COMENTÁRIO 15)

No comentário 13, o usuário apontou a página como manipulada pela grande mídia (a qual, na percepção do fã, igualmente perseguiria Bolsonaro). Ao passo que defendeu o então candidato, o usuário sugeriu que fontes confiáveis (que, então, não seria o caso de *Potterish*) fossem consultadas. Os comentários 14 e 15 trouxeram, então, acusações de que *Potterish*, na verdade, estaria alinhado ideologicamente à esquerda e que seria em função disso que estaria opondo-se à eleição de Jair Bolsonaro.

A última constelação de sentido observada, chamada então de *O pop não é político*, também em discordância com o texto publicado por *Potterish*, trouxe comentários que criticavam o que foi percebido como uma "mistura" indevida entre uma série de ficção, que aborda um universo fantástico, e questões reais, cotidianas. Sob essa percepção, a trama e a página que a aborda deveriam se ater à história e não estabelecer comparações críticas com o que fosse a ela exterior.

Foto engraçada, mas podia parar por aí. Criar inimizades dentre os seguidores por opção política é bobagem. Sinceramente acho que páginas assim não deveriam tomar partido ou se envolver. Só dá rolo (COMENTÁRIO 16).

Descurtindo agora. Poderiam ter sido imparciais na análise, mas deixaram bem clara a posição. E não é pela posição que vou descurtir a página, mas pelo uso indevido da saga em prol de um ideal de vocês (COMENTÁRIO 17).

Potterish é um ponto de encontro para os fãs e ainda que Harry Potter tenha um componente político, esse artigo não foi discussão política, foi militância. Isso eu não posso concordar (COMENTÁRIO 18).

No comentário 16, a usuária chama de engraçada a fotografia que acompanha o texto de *Potterish* (uma composição dos rostos de Voldemort e de Bolsonaro – a figura 1), mas critica um posicionamento político que, em sua percepção, criaria inimizades entre seguidores da página e, presumivelmente, fãs da história. Alega, por fim, que páginas assim (a princípio não voltadas às discussões políticas) deveriam se abster dessas temáticas. No comentário 17, por sua vez, o usuário diz que deixaria de seguir a página (descurtir) uma vez que essa, sendo parcial, teria utilizado a saga, indevidamente, em um prol de um ideal particular (não eleger Bolsonaro, no caso). Da mesma maneira, o usuário que escreveu o comentário 18 acusa a página de militância e diz que, com isso, não poderia concordar.

Tendo em vista as cinco constelações de sentido então mapeadas (*#EleNão*, *#EleSim*, *O verdadeiro Voldemort é o PT*, *Não acreditem no Profeta Diário* e *O pop não é político*), faz-se necessário pontuar algumas questões. Ainda que o caráter dessa pes-

quisa seja qualitativo, e não quantitativo, foi perceptível uma predominância de comentários que coadunaram com o editorial de *Potterish*, considerando que, de fato, Bolsonaro consistiria em um candidato a não ser votado, especialmente para fãs da saga *Harry Potter*. De todos os comentários realizados (e que seguem disponíveis na página – alguns provavelmente foram excluídos pelos administradores de *Potterish*) 50% concordaram com o editorial. Apesar disso, entretanto, muitos comentários, também, distribuíram-se entre quatro outras constelações de sentido, opondo-se a essa percepção e, de modo geral, defenderam Bolsonaro, sugeriram outras interpretações para a trama (alocando, então, o Partido dos Trabalhadores na posição de vilão), desacreditaram *Potterish* (que estaria, então, alinhado à esquerda) e consideraram que o *pop* não é lugar de política. 35% dos comentários mapeados opuseram-se ao editorial e, ainda, 15% realizaram apenas marcações de outros usuários da rede, de modo que, nesses casos, os sentidos então mobilizados não puderam ser auferidos. Debruçando-se, então, sobre o texto do *Potterish*, sobre esses mais de 600 comentários e, ainda, levando em consideração os agrupamentos então percebidos (constelações de sentidos), algumas inferências foram possíveis. O *Potterish*, por si só, já aponta para uma modalidade de ativismo de fãs engendradora de diferentes práticas dos *fandoms* na cultura digital (AMARAL, SOUZA, MONTEIRO, 2015). O jornalismo de cultura *pop* desenvolvido pelo *fansite* indica uma dimensão ativista e cidadã (BROUGHT, SHRESTHROVA, 2012), a qual articula o digital e as ruas ao convocar os fãs para as manifestações que estavam ocorrendo.

Potterish, ainda, rompe com algumas percepções do senso comum que rondam o jornalismo, tais a sua suposta imparcialidade/objetividade (imposta, também, ao jornalismo de cultura *pop*) e com a distinção entre política e cultura *pop*. É um exemplo emblemático do uso da imaginação cívica para acionar reflexão política/ativismos, com elementos que remetem ao civismo de fãs, como o texto que discute aspectos mais profundos da trama, comuns aos fãs, e à acupuntura cultural, como a imagem do rosto de Voldemort e Bolsonaro unidos (JENKINS, 2016; JENKINS, SHRESTHOVA, 2016). Em um contexto de redes digitais, observou-se, nas disputas de sentidos performadas pelos fãs/usuários, aspectos do ativismo de fãs, da imaginação cívica e, ainda, discrepâncias naquilo que se refere às interpretações da saga e sua relação com o contexto político brasileiro.

Percebem-se ecos, nesse espaço de disputas de sentidos, de marcas constituintes do fascismo eterno (ECO, 2018). A exaltação da figura de um líder, personificado em Bolsonaro, mostrou-se explícita via aproximações dele com o herói da saga (Harry Potter), com a expressão “mito”, recorrentemente empregada por seus apoiadores para referi-lo e, ainda, por meio da constatação de que apenas ele poderia “salvar” a nação. Da mesma maneira, foi possível observar, de modo recorrente, um combate constante aos adversários e, nessa esteira, um temor frente a uma imaginada ameaça comunista. A esquerda, então, e o Partido dos Trabalhadores (PT) foram tomados como inimigos que precisavam ser constantemente mencionados e atacados. Igualmente, em alguns comentários, constatou-se que, para determinados fãs/usuários, opor-se à eleição de Bolsonaro (salvador do país) representaria,

necessariamente, opor-se ao crescimento da nação e, portanto, tornar-se inimigo dessa. *Potterish*, nesse lugar, foi percebido como um portal tendencioso, esquerdista e que, ao invés de abordar a saga, estaria fomentando brigas entre os fãs, não sendo, assim, digno de confiança e credibilidade.

Considerações finais

“Quando Voldemort é candidato à presidência, nós precisamos de uma nação de Hermiones”. A frase, presente nas manifestações contrárias à eleição de Bolsonaro e que também foi reproduzida no editorial de *Potterish*, aproximando-se do conceito de imaginação cívica (JENKINS, 2016; JENKINS, SHRESTHOVA, 2016), revela a potência da articulação entre cultura pop e política no contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil e, também, do ativismo de fãs. Em *Harry Potter*, Hermione Granger é uma menina, muito inteligente e corajosa, filha de trouxas. Ao longo da narrativa, ela sofre distintas violências (tais como a tortura) pela sua condição de *sangue-ruim*. Inconformada com injustiças sociais, Hermione funda a Frente de Apoio à Libertação dos Elfos Domésticos (organização que visa à terminar com o regime que escraviza os elfos). Acredita-se, assim, que a personagem e a sua trajetória, de algum modo, aproximam-se do movimento que é realizado por *Potterish* com a publicação do texto *Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado*: lutar pela democracia, constituir um lugar de resistência e combater as diversas opressões.

Em *Harry Potter*, os ideais fascistas defendidos por Lord Voldemort, e impostos à sociedade bruxa, ganham força no momento em que *Aquele-Que-Não-*

Se-Deve-Nomear reassume sua condição corpórea¹¹. Para além da ficção, apesar também de consistir em um espaço de resistência e de fomento à diversidade, as redes digitais, igualmente, operam como um corpo condutor de discursos de ódio (potencializados via espalhamento) e de ideais fascistas¹².

#EleNão, #EleSim, O verdadeiro Voldemort é o PT, Não acreditem no Profeta Diário e O pop não é político, assim, dizem de leituras múltiplas da obra, de percepções distintas acerca do cenário político nacional e de desejos díspares sobre os rumos do país. Ao passo em que, a partir da saga *Harry Potter*, defende-se ou critica-se Bolsonaro, fãs/usuários estabelecem disputas de sentidos que, tal qual se percebeu, evocam marcas daquilo que Eco (2018) chamou de fascismo eterno. Na condição de pesquisadores, e também de fãs – acafãs, conforme conceitua Jenkins (2015) –, parece-nos justo concluir essa reflexão evocando uma frase da saga. Albus Dumbledore, em diálogo com Harry Potter, afirma que “*palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los*”. Palavras essas que, em cartazes de manifestantes, em editoriais veiculados em

¹¹ No contexto da saga, após lançar a maldição *Avada Kedavra* sobre os pais de Harry, assassinando-os, Voldemort volta-se ao garoto. Ao tentar mata-lo, contudo, o feitiço ricocheteia, atingindo o bruxo das trevas. Voldemort não morre, mas perde seu corpo físico. Vive, até o quarto livro, como um parasita, possuindo corpos de animais ou de outros bruxos. Apenas em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, valendo-se de magia das trevas, ele adquire novamente um corpo. Disponível em: <https://www.pottermore.com/explore-the-story/lord-voldemort>. Acesso em 01/2019.

¹² Aproximação sugerida por Ronaldo Henn, em diálogo travado em 2018.

portais de informação e em comentários realizados por fãs/usuários de sites de redes sociais, fundem o pop e a política, constituem-se em imaginação cívica, em ativismo de fãs e em batalhas pela liberdade e pela democracia.

Referências

AMARAL, A.; SOUZA, R. V.; MONTEIRO, C. "De westeros no #vem-prarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira". *Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. Galaxia* (São Paulo, Online), n. 29, p. 141-154, jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120250>

AQUELE que não deve ser votado. 2018. Disponível em: <https://potterish.com/2018/10/aquele-que-nao-deve-ser-votado/> Acesso em: 01/2019.

BROUGH, M.; SHRESTOVA, S. Fandom meets activism: Rethinking civic and political participation. *Transformative Works and Cultures*. V. 10, 2012. <https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/303/265>

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro. Record. 2018.

GONZATTI, Christian. **Bicha, a senhora é performática mesmo: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop**. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

HARRY Potter completa 20 anos. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/harry-potter-completa-20-anos-relembre-historia-e-veja-numeros-da-saga.ghtml> Acesso em: 01/2019.

HENN, Ronald.; OLIVEIRA, Felipe. **Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica**. Revista FAMECOS (Online), v. 22, p. 1-19, 2015.

HENN, Ronaldo. **El ciberacontecimiento, producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENKINS, H. **Convergence Culture**: Where Old and New Media Collide. NYU Press, New York, 2006.

JENKINS, Henry; SHRESTHOVA; Sangita. "It's Called Giving a Shit!". What Counts as "Politics"? Youth Voice, Media, and Political Engagement: Introducing the Core Concepts. JENKINS, Henry; SHRESTHOVA, Sangita; GAMBER-THOMPSON, Liana; KLIGLER- VILENCHIK; Neta; ZIMMERMAN, Arely M. **By Any Media Necessary**: The New Youth Activism. New York University Press, New York, 2016. pp. 1-60. Pp. 253-289.

JENKINS, Henry. **Invasores do texto**: fãs e cultura participativa. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

JENKINS, Henry. Youth Voice, Media, and Political Engagement: Introducing the Core Concepts. JENKINS, Henry; SHRESTHOVA, Sangita; GAMBER-THOMPSON, Liana; KLIGLER- VILENCHIK; Neta; ZIMMERMAN, Arely M. **By Any Media Necessary**: The New Youth Activism. New York University Press, New York, 2016. pp. 1-60.

KLIGLER-VILENCHIK, Neta. "Decreasing World Suck": Harnessing Popular Culture for Fan Activism. JENKINS, Henry; SHRESTHOVA, Sangita; GAMBER-THOMPSON, Liana; KLIGLER- VILENCHIK; Neta; ZIMMERMAN, Arely M. **By Any Media Necessary**: The New Youth Activism. New York University Press, New York, 2016. Pp. 102-148.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, Afetos e Performance de Gosto nos Sites de Redes Sociais. **Revista Eco Póis**, v 19, n.3, 2016.

POHL, F. The Publishing of Science Fiction. Science Fiction, Today and Tomorrow. Nova York: Harper & Row, 1974.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROMERO, Luis Gómez. Fantasía, Distopía y Justicia. La Saga de Harry Potter como Instrumento para la Enseñanza de los Derechos Humanos. Universidad Carlos III de Madrid. Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas. **Tesis Doctoral**, 2009.

VEZZALI, Loris; STATHI, Sofia; GIOVANNINI, Dino; CAPOZZA, Dora; TRIFILETTI, Elena. The greatest magic of Harry Potter: Reducing prejudice.

HARRY POTTER E AQUELE-QUE-NÃO-DEVE-SER-VOTADO: IMAGINAÇÃO CÍMICA, ATIVISMO
DE FÃS E FASCISMO ETERNO EM REDES DIGITAIS DO JORNALISMO DE CULTURA POP

Journal of Applied Social Psychology, 2015, 45, pp. 105–121

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A Magia da Escola na Escola
da Magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter.
Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.103-129, dez. 2010.